

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Eduardo Jintoku Nako

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado

Campinas/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Lilian Zanvettor Ferreira

Instituição: Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado (ETECAP)

Entrevistado: Eduardo Jintoku Nako

Elaboração do roteiro da pesquisa: Lilian Zanvettor Ferreira

Local da entrevista: Centro de Memória da ETECAP

Data: 17 de setembro de 2025

Duração da filmagem: 28 minutos e 11 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Lilian Zanvettor Ferreira com o apoio do site <https://turboscribe.ai>.

Número de páginas: 11

Sinopse da entrevista

A entrevista de história oral realizada pela professora Lilian Zanvettor Ferreira, curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado, Campinas, São Paulo, com o colaborador aposentado, professor Eduardo Jintoku Nako, no Centro de Memória da unidade escolar, tem a finalidade de compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto pela Maria Lucia Mendes Carvalho, coordenadora de Projetos na CGETEC/SDMEPP, para o GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 18 a 19 de setembro de 2025

Transcritora: Lilian Zanvettor Ferreira

Recebido da entrevistadora: 27 de outubro de 2025.

Lilian Zanvettor Ferreira (LZF): Bom dia, professor Eduardo Jintoku Nako, hoje é dia 17 de setembro de 2025. Muito obrigada, professor Nako, por nos conceder essa entrevista. Conte um pouquinho para a gente da sua história. Você é descendente...

Eduardo Jintoku Nako (EJN): Eu sou descendente de japonês, na verdade sou terceira geração, porque meus pais nasceram em Santos. Só tinha minha avó que eu conheci, minha avó paterna, que era efetivamente do Japão mesmo. Vou falar o quê? Sobre como eu conheci a escola?

LZF: É, pode ser. Pode falar para a gente se você chegou a ser aluno...

EJN: Eu fui aluno. Eu entrei aqui na escola como aluno em 1972. E eu conheci a escola através de cursinho, porque tinha muito cursinho para escola técnica. E aqui era período integral. Eu achei interessante, porque eu ficaria o dia inteiro na escola. Eu fiz o primeiro ano de Química, só tinha curso de Química em 1972. E fui reprovado, porque eu não tinha o hábito de estudar tanto o dia inteiro. Então, eu não estudava mesmo. Sem contar que era muito difícil para mim estudar bastante. Eu teria que estudar muito para isso. Eu lembro que tinha colegas que já estudavam aqui. Eles chegavam a fazer reunião de equipe à noite para poder fazer os trabalhos que tinham que entregar. Então, era muito puxado. Bom, e fiquei. Em 1976, eu fiz estágio no laboratório piloto. Em 1977, fui contratado como auxiliar de instrução. Enquanto isso, eu fazia faculdade à noite. Em 1983, eu comecei a dar aula na área de biologia.

LZF: Você fez faculdade do que?

EJN: Eu fiz Biologia, graduação. E não saí mais. Eu só saí quando, em 2022, veio o plano de demissão incentivada do governo. Aproveitei.

LZF: Você já era aposentado nessa época?

EJN: Esse plano já era para quem já fosse aposentado. E eu não queria me aposentar tão cedo. Mas, com o retorno da quarentena que a gente ficou em 2019, 2020, 2021, 2022, a gente retornou ainda tendo que dar aula de máscara. E eu não aguentei dar aula de máscara, porque é uma coisa muito incômoda. Então, aproveitei a ocasião para sair de vez. Cheguei até a ficar arrependido de ter largado. Afinal de contas, eu estava aqui desde 1972. Então, na época, fazia 50 anos que eu estava aqui. Então, foi difícil me acostumar a ficar em casa.

LZF: Como que eram também as relações entre alunos e professores, ou entre os colegas? Você lembra de alguma coisa?

EJN: Eu lembro. A escola realmente era difícil, porque era comum você ter colegas que já repetiram algum ano escolar. Então, tinha aluno que repetia todos os anos. Repetia o primeiro, fazia de novo, repetia o segundo. Então, era muito difícil mesmo. E eram pessoas mais velhas. Tinha muita gente que até trabalhava. Eu lembro de um colega meu. Eu entrei com 17 anos, ele tinha 22 anos. Ele já trabalhava. E ele parou de trabalhar justamente para frequentar, porque a escola, em 1972, só tinha curso diurno. Era período integral diurno. Eu acho que em 1973 ou 1974 é que surgiu...em 1975, por aí, surgiu o primeiro... Não, eu acho que em 1972, 1973, surgiu o curso noturno. Porque eu lembro que quando eu era estagiário, em 1976, tinha alunos do terceiro ano que faziam esse laboratório - Laboratório piloto. Era muito difícil, porque a carga horária era muito extensa. A gente ficava o dia inteiro aqui. E o relacionamento era muito bom. Não tinha como você não se relacionar bem com os colegas. Porque a gente ficava o dia inteiro aqui. Almoçava, não tinha refeição. A gente que tinha que trazer de casa. Então, na hora da refeição, era o momento em que o pessoal se reunia mesmo para bate papo, para almoçar junto. Com os professores também, porque a gente tinha muitas aulas com todos os professores. O relacionamento era muito bom. A gente era mais velho, mais amadurecido. Poucos alunos tinham 15, 16 anos como hoje é. Hoje a maioria tem 15, 16, 14 anos.

LZF: Você sente que vocês eram mais maduros e estavam na escola entendendo um pouco melhor o que estava acontecendo?

EJN: Eu sinto isso porque a gente não tinha só relacionamento com colegas da própria classe. A gente tinha relacionamento com os veteranos também. Eu conheci todos os veteranos. Outra coisa que eu acho interessante é que em 1974 a gente passou a ser identificado através dos caroscópios, carômetros. E eu guardei todo esse material. E eu lembro, na hora que eu folhee os carômetros, eu lembro de todos os colegas, mesmo dos veteranos. Apesar que a

escola era menor, tinha menos alunos. Mas entravam todo ano quatro, seis classes por ano. Então, eu acho que não justificaria o fato de ter poucos alunos, porque não tinha tão poucos alunos. Hoje a gente tem mais alunos, é claro, do que antigamente. Mas, na época, o relacionamento, o conhecimento de outros colegas era maior.

LZF: Como que era o Laboratório Piloto?

EJN: O Laboratório Piloto era o laboratório de produção semi-industrial. Seria o top, porque os alunos do terceiro ano é que tinham aulas de produção de sabão, detergente, compostos orgânicos, destilação de álcool. Eu lembro de a gente fermentar o caldo de cana em grande quantidade para depois fazer a separação. Tinha caldeira a óleo para a produção de vapor. Depois veio a caldeira elétrica. Então era assim, realmente ...tinha um setor lá que simulava o transporte de líquidos através de diferentes tanques em diferentes níveis de altura. Então era muito interessante. A gente tinha que se vestir de macacão, avental de couro, bota.

LZF: As botas ainda estão ali.

EJN: Eu acho que estão. Eu tenho um lugarzinho que tem estocado esse material, mas acho que com o tempo elas devem estar tudo ressecadas.

LZF: Quando fechou o Laboratório Piloto, você ficou responsável pelos outros laboratórios.

EJN: Sim, mas o fechamento do Laboratório Piloto foi mais ou menos recente. Não foi naquela época, não. Depois que eu atuei como Auxiliar de Instrução, porque era assim, como auxiliar de instrução, a gente era removido para diferentes laboratórios. Eu estava fazendo Biologia, eu fui deslocado para o Laboratório de Química e o Laboratório de Biologia como Auxiliar de Instrução. Então, eu tenho assim, eu conheço um pouco da história desses laboratórios, porque eu passei praticamente por todos eles. O que para mim foi muito bom, porque isso dá uma experiência, dá um jogo de cintura, que eu acho que é devido ao fato de ter trabalhado em diferentes setores. Eu lembro que uma vez eu vim para a escola e tinha dois técnicos produzindo álcool gel, inclusive para distribuição entre as escolas técnicas, entre as escolas do Centro Paula Souza. Eu não sei dizer a quantidade que foi produzida, mas era assim, com álcool gel e álcool 70. Álcool 70 ou álcool 40? Eu acho que era álcool 70, para a limpeza de mão. É mais o álcool gel também, para a higienização das mãos.

EJN: Eu falo do museu? Bom, essa sala, ela começou a ser a montagem dessa sala no final de 2019, um pouquinho antes da pandemia. Começou assim, porque eu tinha material fotográfico colocado em pranchas, que eu expunha quando havia algum evento, por exemplo, “Escola de portas abertas”. E ao final do evento eu retirava e guardava. Aí a diretora, na época, a Paula (Paula Cristina da Silva Lima Fernandes), ela me disponibilizou a sala, porque ela ficou desocupada, que era ocupada pelas merendeiras. Com a implantação do refeitório para merenda, o material foi para lá e essa sala ficou desocupada. Isso foi bom, porque eu poderia juntar outros materiais que não davam, eles ficavam distribuídos em outros setores, principalmente equipamentos que já estavam desativados, mas que não poderiam ser jogados fora por serem patrimônio. Então, até da baixa tinha que ficar guardado. Com a baixa, ao invés de ser mandado embora, eu acabei guardando para deixar nessa sala. Tipo assim, equipamentos que hoje os alunos não conhecem mais: retroprojeto, projetor de slides, mimeógrafo e outros equipamentos de laboratório que não são mais utilizados, são obsoletos ou estão quebrados.

LZF: A máquina de escrever, eles amam quando eles vêm aqui ver a máquina de escrever.

EJN: Eu tenho a intenção de abrir essa máquina de escrever para ver se destrava as teclas, inclusive uma calculadora, tem uma calculadora manual de manivela, ela está totalmente travada. Eu já abri uma delas, mas não consegui arrumar. Essa que está aqui também está travada, vou tentar arrumar. O que mais que tem aí? Tem vitrola, tem uma filmadora de VHS, tem um microscópio antigo, acho que o primeiro microscópio que apareceu na escola. A gente tinha um recurso audiovisual muito interessante na escola. Tinha uma gráfica, tem até foto da gráfica, que tinha a máquina para impressão, tinha aquelas guilhotinas para cortar papel, e tinha até uma câmara para... É câmara? É, câmara para fazer a revelação de fotografia, de filme, fotográfico. Tinha um funcionário específico para isso. Então, tem fotos preto e branco, que foram, inclusive, eles, esse funcionário que tirou. Eu não sei se eu falei das fotos preto e branco, que era um material, assim, riquíssimo, que ficava guardado, bem guardado na biblioteca. A bibliotecária tinha um capricho de conservar esse material, só que ela deixava tudo em pasta, difícil de ser visto, quase ninguém sabia que tinha. Essas reportagens, recortes de jornais, também ficavam guardadas nas gavetas. E, com a implantação no museu, eu resolvi tirar e expor dessa forma.

LZF: Você pode mostrar para a gente também o arquivo dos alunos?

EJN: Ah, sim. O caroscópio. Esse daqui é um material interessante, porque são, assim, são as fotos 3x4 de alunos de todas as classes. A confecção dos carômetros, depois passou a se chamar caroscópio, ela começou em 74, 1974. Antes ela não tinha, porque, com a mudança do regime de nota, de avaliação, a gente era avaliado por nota. Em 1974, a gente passou a ser avaliado por conceito: letra A, B, C, D e E. E um dos critérios de avaliação era a participação, o desempenho dos alunos. Então, os professores, na hora de atribuir esse tipo de conceito, eles tinham que saber de quem se tratava. Então, por isso que surgiu a necessidade do carômetro para identificar os alunos. E esses carômetros, ao final de cada ano, eu guardava. Eu ganhava da bibliotecária, ganhava do setor da secretaria, eu guardava e fui guardando. Então, chegou a um ponto de eu ter carômetro de todos os anos até 2017, que foi quando parou de se fazer o carômetro, porque a gente passou a fazer chamada pela plataforma. Então, não fizeram. Até fizeram, eu devo ter alguns carômetros que eu ganhei recentemente, mas que estavam assim, para serem descartados. Eu vou colocar em pastas, como eu coloquei todos. E o que é interessante, porque sempre vêm ex-alunos, que inclusive têm filhos aqui, e eles querem ser identificados, eles querem ver se tem foto deles aqui. Eles ficam encantados quando se vêm. Eles se vêm aqui registrados na escola. Esse daqui é o primeiro carômetro que surgiu, em 73. Aliás, foi em 73. Esse material eu achei escondido, escondido não, nessa gráfica. Isso daqui foi feito pelo funcionário. A fotografia das fotos 3x4. Isso estava guardado numa gaveta lá. E eu acabei resgatando e fazendo isso.

LZF: E como você vai achando essas coisas? As pessoas sabem que você é do Centro de Memória, e quando acham, elas te chamam para ver se você quer?

EJN: Eu não sei, eu ganho tanta coisa. Depois eu ganhei tanta coisa. Mas, por exemplo, esse, essa gráfica aí, eu gostava muito, porque eu tive desenho técnico na escola. E nessa gráfica tinha umas pranchas enormes para você fazer desenho, para você fazer cartaz. Tem um material aqui que é legal até mostrar aqui. Eu acho que pouca gente conhece. Mas é isso daqui, olha. Nem sei o nome disso, normógrafo? Assim, para a gente escrever o cartaz, a gente usava essas réguas com letras de diferentes tamanhos. E colocava-se uma canetinha, a Nankin, arrastava esse cursor aqui, e essa ponta ia acompanhando a letra. Então, se você quisesse uma determinada letra, você ia escrevendo a canetinha e registrando no papel.

LZF: Incrível.

EJN: E eu gostava de mexer com esse material. A gente não tinha impressora. Todo cartaz, material de laboratório, aquelas listas para identificar materiais na estante, eu gostava de fazer

nessa sala. Então, eu fuçava muito em todos os setores. E eu sempre fui assim, fuçar em tudo quanto é lugar, e achando esse material. Tem uma foto que eu gostaria de mostrar. Essa foto também, preto e branco, eu achei nessa sala. Ela deve ter sido feita pelo funcionário, pelo fotógrafo da escola. Então, foi essa foto que me inspirou a fazer as demais, que não tinha máquina para tirar foto panorâmica. Então, as demais fotos eu tirava parte por parte, e depois, de revelada, eu juntava, cortava e colava uma ligada a outra.

LZF: Você gosta de foto também né, Nako?

EJN: Eu gosto. Eu tinha uma máquina de filme e tinha um tripé. Eu colocava a máquina no tripé e ia mudando a posição da câmera e registrando. Então, foi assim que eu fiz todas as outras fotos da escola, porque a escola era muito bonita. Tinha três funcionários só para cuidar do campo, dos jardins. Hoje, a gente não tem mais nenhum funcionário para fazer isso. Então, por isso que tem uma diferença do que era para o que é hoje. A gente vê funcionários que não são nem da área fazendo esse tipo de serviço, cortando grama, o que é uma judiação. Para você conservar uma escola desse tamanho, é muito trabalho. Então, eu ainda tenho esperança, que a escola volte ao que era antes, com grama tudo cortadinha. Mas, enfim, espero que um dia mude de novo.

LZF: Tem uma outra iniciativa muito legal que você faz, que é a foto dos professores todo ano.

EJN: É, a foto dos professores. Assim eu procuro, em cada evento onde eu vejo que eles estão reunidos, tirar foto. Eu costumava fazer assim. Todo ano, eu punha uma caixinha com um bilhetinho pedindo que os professores colocassem as fotos deles para eu colocar aqui no museu. Mas, depois que eu saí, eu também perdi um pouco esse pique. Mas isso me deu uma boa ideia. Eu vou tentar fazer isso novamente. Colocar uma caixinha lá com bilhete pedindo foto para eles ficarem registrados aqui na sala. Porque é interessante. Apesar de serem professores com prazo determinado, eu acho que é importante que eles fiquem registrados aqui. Porque eles sempre acabam retornando, e todo mundo gosta de retornar a um lugar e se ver lá registrado. (ruídos de conversas)

LZF: Você falou que se aposentou, mas você está aqui, né, Nako? Quantas vezes por semana você vem cuidar do museu?

EJN: Eu procuro vir três vezes por semana. Todas as manhãs. Uma das coisas que me animam a vir, apesar de ter poucos colegas da minha época, é que eu largo a sala aberta e vejo que os alunos entram. Eles ficam puxando, ficam mexendo, ficam procurando coisas. Fotos de gente que nem eles conheciam. Eu acho legal isso. Você disponibilizar para o aluno a história da escola. Hoje mesmo, tinha um que ficou lendo aqui. Poucos alunos fazem isso. Pegar a ler noticiário de jornal na época da implantação. Quando eu vejo eles se interessando por essas fotos antigas, todas da escola, nossa, eu fico assim... Puxando conversa, né? Para forçá-los a perguntar alguma coisa. Para que eu possa falar, mostrar. Então, é muito legal isso.

LZF: Qual que é o seu sonho para o museu, Nato? Você estava me contando da outra sala.

EJN: Eu penso em uma sala um pouco maior. Porque tem fotos que já nem cabem mais. Tanto é que eu fiz isso. Estou fazendo em pranchas diferentes. Mas fazer uma coisa que a própria pessoa fique revirando. Tipo de um álbum. Mas o ideal seria que todo esse material ficasse exposto. Ao mesmo tempo. E não ter que ficar puxando. O meu sonho seria esse. Eu acho legal também você colocar até móveis antigos. Que nem essa mesa. É claro que me falta tempo para conservar. Para lixar. Passar um verniz. Mas eu acho tudo isso interessante. Até cesto de lixo. Cesto de lixo. Eu fiquei muito feliz em ter encontrado o cesto que a gente tinha na sala de aula. Eu convivi diretamente com isso durante muito tempo. Então esse seria um sonho.

LZF: O seu sonho é manter, então?

EJN: É, manter a sala. E eu não sei até quanto tempo eu vou aguentar fazendo isso. Por isso como eu falei, eu fico feliz que você tenha um projeto de dar continuidade a isso. Para mim é uma bênção. Saber que o diretor gosta dessa parte histórica. Saber que você se interessa em digitalizar esse material e conservar. Então eu me sinto mais aliviado. Eu sei que quando eu voltar aqui para a escola, eu sei que espero que isso aqui ainda esteja em pé.

LZF: Professor Nako, a gente queria agradecer muitíssimo pela sua entrevista. E pela sua iniciativa de guardar tanta riqueza da nossa escola e da história da educação tecnológica. Muito obrigada.

EJN: Eu que agradeço.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Escola Industrial Conselheiro Antonio Prado

Colégio Industrial Conselheiro Antonio Prado

Etec Conselheiro Antonio Prado

Centro de Memória

Lilian Zanvettor Ferreira

Eduardo Jintoku Nako

Imigração Japonesa

Laboratório Piloto

Período Integral

Curso Noturno

Plano de demissão incentivada

Pandemia(COVID)

Fotografia

Gráfica Escolar

Refeitório

Normografo

Normógrafo

Carômetro/ Caroscópio

Manutenção da Escola

Funcionários de Jardinagem

Paula Cristina da Silva Lima Fernandes

Dados Biográficos do Entrevistado



Eduardo Jintoku Nako

Eduardo Jintoku Nako – É Técnico em Química pela Escola Técnica Conselheiro Antônio Prado – ETECAP (1973). Licenciado em Biologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e Auxiliar docente na ETECAP de 1977 a 1983, Professor de Biologia, Técnicas Biológicas, Processos Bioquímicos Industriais na ETECAP de 1984 a 2022. Fundador e patrono do Centro de Memória da ETECAP.

Dados Biográficos da entrevistadora



Lilian Zanvettor Ferreira – Possui graduações em Artes Visuais e Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (2001, 2014), graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro (2022) e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2016). É especialista em Projetos Sociais e Direitos Humanos pela Universidade Anhembi Morumbi. Foi colaboradora do Grupo de Políticas Públicas e Sociais- GPPS- FE/Unicamp e atualmente colabora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica- GEPEMHEP. Atua no ensino técnico nas áreas de Sociologia e Estudos Avançados em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, desde 2009.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Eduardo Jintoku Nako

Termo de Autorização para uso de Imagem de Eduardo Jintoku Nako